



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

IASMIN PEREIRA BARRETO

**A POESIA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência com alunos da
educação infantil a partir de poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, de Cecília Meireles**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

IASMIN PEREIRA BARRETO

A POESIA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência com alunos da educação infantil a partir de poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, de Cecília Meireles

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B273p Barreto, Iasmin Pereira.

A poesia na sala de aula: proposta de uma vivência com alunos da educação infantil a partir de poemas de Ou Isto ou Aquilo, de Cecília Meireles. [manuscrito] / Iasmin Pereira Barreto. - 2023.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Coordenação do Curso de Letras - CCHA. "

1. Poesia Infantil. 2. Sala de aula. 3. Vivência Leitora. I.

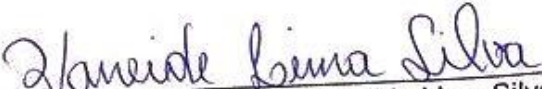
Título

21. ed. CDD 372.24

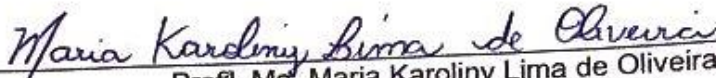
A POESIA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência com alunos da educação infantil a partir de poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, de Cecília Meireles

IASMIN PEREIRA BARRETO

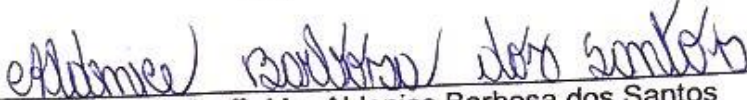
APROVADO EM: 30 de junho de 2023.



Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof^ª. M^a. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Prof^ª. M^a. Aldenice Barbosa dos Santos
Examinadora Externa – Rede Estadual de Ensino da Paraíba

Dedico este trabalho ao meu pai, que me ensinou mesmo na mais tenra idade sobre as coisas mais importantes da vida, ainda que no ordinário dos afazeres do campo. Seu amor, afeto e companheirismo me formaram genuinamente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as graças e providências vividas ao longo destes anos, por cada momento, pelas pessoas que conheci, as experiências que puder ter e cada sorriso vivido, que ao final, me recordava que Deus é bom. Também a Nossa Senhora, por interceder pela minha vida, sendo meu amparo e auxílio nesta caminhada.

À minha mãe Ivanice Pereira de Melo Barreto, pelo esforço e sacrifício feito para que eu pudesse chegar até aqui, mas, além de tudo, ao seu exemplo: sua própria vida inspira e me ensina a como ser uma mulher determinada e corajosa. Mesmo depois de uma grande perda, ela continuou firme no objetivo de formar bons filhos, Flavinicius e Ivana, sou eternamente grata pelas suas vidas, agradeço ainda aos meus sobrinhos maravilhosos, Maria Julia, Maria Clara, Maria Teresa, Maria Catarina e Levi, por deixarem minha vida mais feliz e completa, cheia de alegria, afeto e amor.

Sou Grata também a Natã, Jéssica, Giovana, Talita, Rodrigo e Ana Lays e a todos os meus amigos.

À minha orientadora, professora Vaneide Lima Silva, que é um exemplo de profissional, por todo empenho, apoio, incentivo e dedicação dada no decorrer deste trabalho. Foi um prazer poder partilhar um pouquinho desta trajetória universitária. Estendo meus agradecimentos a minha banca examinadora, a Profa. Maria Karoliny Lima de Oliveira e a Profa. Aldenice Barbosa dos Santos pelas pertinentes contribuições, e carinho ao aceitar fazer parte de um momento tão especial e decisivo.

Agradeço eminentemente também a UEPB e particularmente ao Campus IV, ao departamento e secretaria do curso, de modo especial agradeço a Neto por toda disposição e benevolência sempre que precisei. Sou profundamente grata ainda aos meus amigos e colegas que o curso me proporcionou conquistar, por todas as conversas e momentos marcantes que vivemos juntos, que, com certeza, ficarão guardados na memória, desse modo, demonstro minha gratidão conjuntamente a todos os professores do curso de Letras, que foram tão importantes na minha trajetória acadêmica, formação pessoal e profissional. Enfim, a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para o desenvolvimento e conclusão

desse trabalho ou na vida acadêmica como um todo deixo meus mais sinceros agradecimentos!

“A vida é uns deveres que nós trouxemos para
fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6ª feira...
Quando se vê, passaram 60 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra
oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre em frente...
e iria jogando pelo caminho a casca dourada e
inútil das horas.”

Mario Quintana

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo propor uma abordagem didática a partir do livro de Cecília Meireles *Ou Isto Ou Aquilo*, sugerindo uma vivência leitora voltada para alunos da educação infantil. Com isso, ao refletirmos sobre o ensino da poesia infantil no contexto escolar, nos propomos a ampliar a discussão sobre a importância desse tipo de trabalho em sala de aula, traçando um percurso histórico da poesia infantil, como uma ferramenta crucial no processo de ensino aprendizagem. A contextualização compreende o aprofundamento da leitura por meio dos intermédios contextuais que a obra traz consigo, que a torna inteligível para o leitor. Com o presente trabalho espera-se que as reflexões sobre o ensino de poesia e com a elaboração das vivências, nos dê direcionamento para que as aulas de literatura sejam de diálogo e interação entre professor e alunos na construção de significados e sentidos, principalmente na educação infantil, que a ludicidade presente nos poemas aflora a leitura prazerosa. Neste sentido, o trabalho adota como metodologia a pesquisa de base bibliográfica. Sendo que, partiremos de estudos já realizados em torno da obra e da produção literária da obra em questão, bem como recorreremos a trabalhos que discutem a importância da poesia na sala de aula, a exemplo de Paes (1996), Pinheiro (2018) e Meireles (1951). Dessa forma, entendemos que os poemas precisam ser expostos de maneira atrativa, sendo a leitura compreendida como uma atividade de prazer perante os alunos, que deverão ser convidados a apreciar os textos e vivenciando a partir de suas imagens, seus ritmos e sonoridades, tendo, assim, aguçada a sua imaginação. Finalmente, com base no posicionamento do crítico defendido neste trabalho, podemos afirmar que o trabalho com a poesia deve ter uma constância, um planejamento e uma abordagem que extrapole os limites da sala de aula. Mas, sobretudo, que se desenvolva um trabalho prazeroso, favorecendo, conseqüentemente, o diálogo entre o texto literário e o leitor. Especificamente no que diz respeito ao público em período de letramento, se faz indispensável uma vivência de caráter lúdico, que possibilite o aguçamento da imaginação e da fantasia poética. Logo, as condições indispensáveis para uma abordagem exitosa da poesia em sala de aula precisam ser consequência de um trabalho sistemático e organizado, se quisermos, finalmente, formar o leitor do texto literário.

Palavras-chave: Poesia Infantil. Sala de aula. Vivência Leitora.

ABSTRACT

The present work aims to propose a didactic approach based on the poem by Cecília Meirelles “Ou Isto Ou Aquilo” with experience of early childhood education. With that, when we reflect on the teaching of children's poetry in the school context, we propose to broaden the discussion about the importance of this type of work in the classroom, tracing a historical path of children's poetry, as a crucial tool in the teaching-learning process. Contextualization comprises deepening the reading through the contextual intermediaries that the work brings with it, which makes it intelligible to the reader. In this sense, the work adopts bibliographical research as a methodology. With the present work, it is expected that the reflections on the teaching of poetry and with the elaboration of the lesson plan, will give us direction so that the literature classes are of dialogue and interaction between teacher and students in the construction of meanings and senses, mainly in early childhood education, that the playfulness present in poems brings out pleasurable reading. Therefore, we will start from studies already carried out around the work and the literary production of the work in question, as well as resort to works that discuss the importance of poetry in the classroom, such as Paes (1996), Pinheiro (2018) and Meireles (1951) of teaching learning. Based on the critic's position, we can say that the work with poetry must have constancy, planning and an approach that goes beyond the limits of the classroom. But, above all, that a pleasant work is developed, favoring, consequently, the dialogue between the literary text and the reader. Specifically with regard to the public in the literacy period, a playful experience is essential, which allows the sharpening of imagination and poetic fantasy. Therefore, the indispensable conditions for a successful approach to poetry in the classroom need to be the result of systematic and organized work, if we want to finally train the reader of the literary text.

Keywords: Children's Poetry. Classroom. Reading Experience.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA POESIA	15
1.1A poesia para crianças e jovens: considerações teóricas	18
2 SOBRE A POESIA INFANTIL DE CECILIA MEIRELES	25
3. A POESIA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência poética com alunos da educação infantil a partir de <i>Ou Isto Ou Aquilo</i>	28
3.1 Proposta de uma vivência leitora em sala de aula: retomando o jogo dramático	34
3.2 Explorando “A língua do nhem”	36
3.3 Conhecendo a “A chácara do Chico Bolacha”	37
3.4 Trabalhando com “O menino azul”	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERENCIAS	42

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu de um interesse pessoal de investigar a importância do poema no processo de formação de leitores nos anos iniciais, nível de ensino que trabalho há alguns anos. O trabalho com a educação infantil, aliás, vem possibilitando perceber que é possível desenvolver uma metodologia de ensino que inclua a poesia mesmo entre os pequenos espectadores que não dominam a leitura e a escrita, desconstruindo, assim, a falsa ideia de que as crianças não gostam de poesia.

Algumas vivências com poemas do livro *Ou Isto Ou Aquilo*¹(2020), de Cecília Meireles, demonstram que as crianças da educação infantil recebem positivamente a poesia, daí a necessidade de querer propor algumas vivências exitosas que podem ser vivenciadas com os pequenos leitores em desenvolvimento. Os poemas escolhidos para a vivência em sala de aula foram: “Leilão de jardim”, “A chácara do Chico Bolacha”, “ A língua do nhem” e “ O menino azul”. Dessa forma, o livro retrata o universo infantil naquilo de mais genuíno que caracteriza a infância: a brincadeira, a fantasia, os anseios e algumas das experiências dessa fase da vida. Por isso a sua inclusão no plano de ensino.

Temos conhecimento de que a autora argumentou sobre inúmeros assuntos relacionados à educação e à literatura em jornais e livros, pois além de escrever para criança e adultos, ainda atuou como educadora, se envolvendo com questões do ser humano desde a mais tenra idade, de modo que alguns escritos seus foram e são importantes para o entendimento e o desenvolvimento da literatura infantil brasileira, a exemplo do livro *Problemas da Literatura Infantil*, publicado em 1951 e um dos primeiros sobre o tema no Brasil.

Os poemas de *Ou isto Ou aquilo*, conforme já afirmamos, se destacam ainda pelo ritmo e pela valorização da natureza, sendo considerado um dos marcos da poesia infantil brasileira e figurando como fonte inesgotável de criatividade. O estilo natural da autora aponta sua eficiência comunicativa com o público infantil e,

1A edição utilizada neste trabalho é a de 2020, livro altamente considerado pela crítica e onde a mais alta poesia contempla a sensibilidade e a inteligência dos leitores mirins mais exigentes. A qualidade estética dos 56 poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, de Cecília Meireles, que veio a público em 1964, pela Editora Giroflê, configura-se como um dos seus principais aspectos que chama a atenção tanto de adultos quanto de crianças, mesmo aquelas ainda não letradas, pois tendem a estimular a imaginação e a sensibilidade dos pequenos leitores.

conforme define em seu *Problemas da literatura infantil* (1951), a dificuldade em se definir a Literatura Infantil consiste em “delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil [...]. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com sua preferência.” (MEIRELES, 1951 p. 20).

A escolha desta obra de Cecília Meireles no início deste trabalho demonstra o reconhecimento da escritora como autora de uma poesia de qualidade voltada para crianças, bem como o destaque da importância de sua obra nos processos criativos e formativo dos pequenos em desenvolvimento, evidenciando a preocupação da poetisa com o desenvolvimento das crianças. Além de produzir uma poesia de alta qualidade artística voltada a esse público, Cecília demonstra ter sido também uma crítica importante, escrevendo e pensando a literatura para crianças num período em que poucos estudos discutiam a literatura infantil.

Tendo feito essa rápida incursão na poesia infantil de Cecília Meireles, estabelecemos como objetivo geral deste trabalho sugerir propostas de abordagem de alguns poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, voltadas para alunos da educação infantil, numa perspectiva de valorização do lúdico e do prazer em sala de aula, priorizando, desse modo, as especificidades dos poemas. Partimos da constatação de que a literatura infantil e conseqüentemente os poemas infantis não precisam nem devem servir unicamente a função didática, funcional e utilitária dos textos para crianças. Estes necessitam, antes disso, manifestar o gosto e o interesse dos leitores em desenvolvimento, por isso a brincadeira e a ludicidade que tão bem definem o mundo infantil precisam estar representados nos poemas, pois só dessa maneira as crianças se sentirão tocadas pela experiência posta na poesia que se volta para ela, atingindo sua sensibilidade. Para a realização do trabalho, adotamos como metodologia a pesquisa de base bibliográfica. Sendo assim, partiremos de estudos já realizados em torno da obra e da produção literária da obra em questão, bem como recorreremos a trabalhos que discutem a importância da poesia na sala de aula, a exemplo de Paes (1996), Pinheiro (2018) e Meireles (1951).

Quanto ao desenvolvimento deste trabalho, o estruturamos em três seções: a primeira visa retomar algumas considerações em torno do conceito de poesia, destacando algumas de suas principais características. Num segundo momento, procuramos apontar alguns elementos da poesia voltada para crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura da poesia na formação de leitores em desenvolvimento. A segunda seção do trabalho objetiva situar a poesia infantil

de Cecília Meireles no contexto da produção poética voltada para crianças, destacando a qualidade artística dos poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, para, num terceiro momento, sugerir propostas de abordagem de alguns poemas deste livro, sobretudo aqueles que, a nosso ver, se adequariam mais satisfatoriamente à experiência das crianças da educação infantil, pela proximidade entre o texto e a experiência retratada.

Dessa forma, o presente trabalho visa contribuir na atuação dos profissionais de educação, já que a leitura e o uso de poesia na infância contribuem na formação do imaginário das crianças, no desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade e reflexão acerca do mundo. As sugestões de vivências que serão aqui expostas irão ao encontro dos anseios daqueles que almejam um trabalho profícuo com a literatura em sala de aula, mais especificamente no que se refere à abordagem da poesia.

Partimos e defendemos a ideia de que a mediação desse gênero na escola deve favorecer o encontro entre o texto e o leitor, mesmo aquele em formação, como é o caso dos alunos para os quais estamos propondo essa vivência. Nesta perspectiva, o trabalho aponta para um olhar diferenciado daquele lançado pelos autores de livros didáticos, que ainda costumam abordar o poema numa proposta utilitarista, consistindo neste aspecto (o da valorização do lúdico) a contribuição de nossa pesquisa. Esperamos, enfim, abrir novos caminhos e novas possibilidades de se abordar o texto literário em sala da aula, ampliando, assim, a atuação e a formação de professores de Língua Portuguesa.

1 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA POESIA

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
(...)

José Paulo Paes, *Poemas para Brincar*

Este tópico tem como objetivo, num primeiro momento, retomar algumas considerações em torno do conceito de poesia, destacando algumas de suas principais características. Num segundo momento, procuramos apontar alguns elementos da poesia voltada para crianças e jovens, sem deixar de destacar a importância da leitura da poesia na formação de crianças e jovens.

A poesia “trata antes de tudo de uma maneira de ser da literatura, ou seja, da arte da palavra, da arte de se exprimir percepções através de palavras, organizando estas em padrões lógicos, musicais e visuais.” (FAUSTINO, 1977, p. 60). Nesse sentido, percebe-se que um poema não é apenas um texto sentimental e com abundante leveza, escrito em versos minimamente metrificados, é ainda, antes disso, capaz de interpretar para o mundo real as diversas perspectivas que a imaginação pode tomar no decorrer da vida, o que deveria aproximar as pessoas desse gênero. No entanto, a verdade é que muitos leitores fogem da poesia por considerá-la quase inacessível devido a sua complexidade. Sendo que, na verdade, a leitura desse gênero está muito mais ligada ao habitual do que se pode imaginar, infelizmente, no contexto educacional, são poucos os professores que têm essa consciência ou aprecia o gênero em seu cotidiano.

Para falar de poesia não se consegue estabelecer uma definição direta nem objetiva do gênero, porém, analisando-a no plano fônico, a poesia não se classifica apenas como uma linguagem vulgar que serve somente para relatar algo, mas ela cria um em si uma musicalidade com suas rimas e ritmos dispostos de maneira intencional. A poesia tem o poder de expressar sentimentos, imaginações, elementos interiores e abstratos. O escritor, ao expor seus sentimentos, gera os mesmos ou outros associados no leitor, que, por sua vez, se abre a experiência que existe em ler um poema.

Frutos de uma vivência ou não do poeta, o fato é que a poesia costuma apresentar a linguagem do mistério, conforme admite o poeta e crítico José Paulo Paes, segundo o qual a poesia pode nos trazer ainda a linguagem da surpresa e do

próprio mundo, “o mundo que existe dentro e fora do ser humano, a linguagem reflexiva sobre o sentido da vida ou até mesmo da morte” (PAES, 1996, p. 20). Na obra *Poesia para crianças* – Um depoimento, o crítico se refere justamente ao poema dedicado ao público infantil, mas suas afirmações se aplicam a poesia em geral, uma vez que esta nada mais é do que “arte de criar imagens, de sugerir emoções por meio de uma linguagem em que se combinam sons, ritmos e significados” (PAES, 1996, p. 20).

Detendo-nos um pouco mais sobre as especificidades da poesia, não podemos deixar de nos reportar ao trabalho de Goldstein (2005) quando afirma que dentre os vários fatores responsáveis pelo ritmo no poema está a organização do texto em versos e estrofes (na sua forma mais tradicional) e ainda a organização da rima dentro deles. Podemos ver tal pensamento quando a autora apresenta o seguinte pensamento “Cada verso ocupa uma linha, marcada por um ritmo específico. Um conjunto de versos compõe a estrofe, dentro da qual pode surgir outro postulado métrico: a rima, ou seja, a semelhança sonora no final de diferentes versos.” (GOLDSTEIN, 2005, p.11)

Também se faz importante mencionar a ambiguidade proporcionada pela seleção e a combinação de palavras feita pelo parentesco sonoro, movimentando o leitor a ter várias interpretações sobre a temática do poema, estimulando suas próprias considerações. “Por isso se diz que o discurso literário é um discurso específico, em que a seleção e a combinação das palavras se fazem não apenas pela significação, mas também por outros critérios, um dos quais, o sonoro.” (GOLDSTEIN, 2005, p .5)

Dessa forma, a sonoridade se coloca na poesia a serviço do ritmo, pois sendo fruto da atividade humana, este elemento comparece como um dos seus aspectos centrais. A respeito do ritmo, Goldstein (2005) afirma que este participa das ações mais corriqueiras e naturais tais como a respiração, as batidas, a forma de andar e gesticulações. Na poesia, o poema tem um ritmo próprio. É o que demonstra a autora ao citar este elemento a partir do poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade. Nele, o uso contínuo da conjunção condicional “se” atua como uma marca repetitiva, representando um eco que formula as hipóteses presentes.

[...] Se você gritasse,
se você gemesse,
se você tocasse

a valsa vienense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,
 se você morresse...
 Mas você não morre,
 você é duro, José![...]

Segundo Goldstein (2005), o uso dos vários efeitos sonoros e de maneira mais específica o “se” e a repetição da mesma sílaba nas palavras faz com que o leitor perceba a sugestão das hipóteses que o autor deseja acentuar aos leitores.

Quanto à musicalidade ainda no poema, consideramos importante trazer o comentário de Goldstein (2005) a respeito da letra da canção “A banda”, de Chico Buarque de Holanda, cujo título sugere ou remete à própria música ou ainda a uma festa. Seguindo a interpretação da autora, temos a ideia de que a banda atua nesse sentido, tornando felizes as tristes vidas nos versos apresentadas. A marcação do ritmo é explorada ainda pela harmonização dos seus elementos e a marcação das sílabas poéticas.

Estava à toa na vida
 O meu amor me chamou
 Pra ver a banda passar
 Cantando coisas de amor [..]

Segundo Goldstein (2005), nesse trecho, as repetições dos sons “T” na primeira linha, “M” no segundo, “P” no terceiro e o som “Q” (grafado c) no quarto e ainda vogal “a” que se repete em todos os versos, fazem ressoar uma pulsação semelhante a uma percussão, além de tudo isso, a composição lembra ainda o cotidiano das pessoas, interagindo com as realidades corriqueiras que cada indivíduo pode se identificar.

Dessa forma, em síntese, observamos que a rima “nome que se dá à repetição de sons semelhantes, ora no final de versos diferentes, ora no interior do mesmo verso, ora em posições variadas, criando um parentesco fônico entre palavras presentes em dois ou mais versos.” (GOLDSTEIN, 2005, p. 44) está a serviço do ritmo no poema. A autora também destaca sua importância quando afirma que “a organização do poema em versos agrupados em estrofes faz o ritmo saltar aos olhos do leitor. A rima, quando presente acentua essa impressão.” (GOLDSTEIN, 2005, p.19) Ou seja, a rima proporciona precisamente o favorecimento do ritmo, dando ênfase também a musicalidade e sonoridade presentes.

Outras figuras de efeito sonoro, como a assonância, isto é, a “repetição da mesma vogal dentro de um ou mais versos.” (GOLDSTEIN, 2005, p.76), a aliteração, a onomatopeia e a repetição de palavras ainda configuram como importantes elementos a serviço do ritmo poema. Sendo que, a aliteração é precisamente a repetição da mesma consoante ao longo do poema. A onomatopeia, por sua vez, trabalha enfaticamente a sonoridade, buscando reproduzir na escrita a entoação de sons ou ruídos.

As onomatopeias são identificadas por Alves (1990) como uma relação de neologismo fonológico, o que quer dizer, diante da perspectiva da autora, que esse tipo de neologismo supõe a “criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente” (ALVES, 1990, p. 11).

Sobre a repetição de palavras, vale a pena trazer ainda o comentário de Goldstein (2005) a respeito deste poema de Oswald de Andrade:

[...]Para dizerem milho dizem mio
 Para melhor dizem mió
 Para pior pió
 Para telha dizem teia
 Para telhado dizem teiado
 E vão fazendo telhados.[...]

Em sua análise, a autora aponta a presença de termos “falados” e “escritos” com a repetição nos cinco primeiros versos da palavra *para*, realizando a quebra no último verso que sugere a ação presente no falar corriqueiro brasileiro. Aparece também a repetição da palavra *dizem* enfatizando a vertente oral da língua. A presença de tais repetições acentua uma musicalidade presente no poema como também no próprio processo significativo que elas produzem.

Ao continuar com a discussão em torno do gênero poético, no tópico a seguir enfatizaremos a importância do ritmo e outros elementos indispensáveis na poesia voltada às crianças, tomando como base sobretudo as considerações apresentadas por Cunha (2003), Aguiar (2001) e Pinheiro (2018).

1.1A poesia para crianças e jovens: considerações teóricas

Ao situar o surgimento da Literatura Infantil, Cunha (2003) informa que sua história começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser

a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias que deveriam distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação que a preparasse para a vida adulta.

Desse modo, vamos perceber que a poesia destinada ao público infantil assume um caráter moralizante e educativo, pelo menos é o que se verifica nos primeiros poemas brasileiros dedicados a este público, os quais se destacam pela mensagem que deveria ser assimilada pelas crianças: valores sociais, regras de comportamento e sentimentos nativistas.

Dessa forma, só a partir dos anos 60 do século XX é que vamos ter uma poesia infantil identificada com os interesses das crianças, ou seja, desprovida de qualquer preocupação ou ensinamento moral. É o caso, aliás dos poemas de Henriqueta Lisboa, que em 1941 publicou uma antologia de poemas infantis intitulada *O menino poeta*, em que a voz infantil se verifica em sintonia com elementos da natureza e os sentimentos e anseios infantis, a exemplo da brincadeira e da fantasia poética.

Em trabalho dissertativo a respeito da obra poética infantil de José Paulo Paes, Silva (2001) situa historicamente o surgimento da poesia para a infância e, com base em vários autores que identificam o caráter utilitarista nos poemas infantis do início do século XX, aponta a obra de Henriqueta Lisboa como umas das responsáveis pelo rompimento desse didatismo. Sua obra figura como bastante representativa da voz infantil na poesia e, após ela, surgiram nomes consagrados como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e outros grandes nomes que se consagraram nessa produção literária.

Em estudo dedicado ao tema, Bordini (1986) afirma que em contato com o texto poético, a criança é tomada por vivências que a distanciam de seu ambiente familiar, linguístico e social, propiciando um desenvolvimento dos conteúdos existentes na consciência. Desse modo, podemos dizer que a poesia assume importante papel na formação das crianças, uma vez que sua multiplicação de sentidos fomenta o imaginário infantil. “Ao escrever, o artista consciente ou inconscientemente, cria jogos de palavras, sons e ritmos que provocam reações em quem lê.” (AGUIAR, 2001, p.123).

Sobre essa manifestação literária com efeito poético, quando voltada para o universo infantil, Bordini (1986) afirma que identificamos uma grande variedade, que vai desde as parlendas, as adivinhas, as cantigas de ninar e os trava-línguas. Tais

composições assumem grande importância na formação do imaginário das crianças e na própria identidade social. Afinal, declara a autora: “pode-se dizer que à poesia infantil cabe o papel de conservar a natureza mais profunda da literatura de qualquer povo, porque faz reviver as primeiras experiências do ser humano com a linguagem, explorando suas possibilidades expressivas.” (AGUIAR; CECCANTINI, 2012, p. 07).

O poema infantil, assim como o gênero de modo geral, apresenta uma musicalidade que o distingue e incorpora ainda mais sua significância, conforme salienta Bordini:

Evidência sonora da poesia, traço diferencial que aos olhos despreparados a torna distinta da prosa, ocupa a linha de frente quando o texto se destina à criança, em especial ao bebê e aos pequeninos. O tecido melódico, formado por aliterações e assonâncias, anáforas e rimas, estribilhos, acentos e metros variados, tradicionalmente tem sido cultivado pelo povo para aquietar a criança com ritmos hipnóticos ou para expressar-lhe corporalmente o afeto dos pais, unindo a voz, que sussurra ou canta os versos, à carícia. (BORDINI, 1986, p.23)

Conforme já apontamos anteriormente, a afirmação da autora evidencia que o poema possui em si uma impressão sonora e quando se destina às crianças ocupa linha de frente: ele situa a palavra em evidência dos sentidos, tanto pela afirmação em si quanto também pelas expressões nele colocadas.

Também existe nesse gênero, ainda mais se direcionado às crianças, uma aparente falta de lógica que na verdade demonstra genuinamente a comichão tão importante causada nas crianças como efeito de leitura. Exemplo dessa aparente falta de lógica está presente no poema “O menino azul”, de Cecília Meireles:

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
— de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo
 que é como um jardim
 apenas mais largo
 e talvez mais comprido
 e que não tenha fim.
 (Quem souber de um burrinho desses,
 pode escrever
 para a Ruas das Casas,
 Número das Portas,
 ao Menino Azul que não sabe ler).

Segundo Bordini (1986), o poema rompe ficcionalmente com os nexos da realidade, ressaltando as carências existenciais de um menino triste (um menino azul), tratando com seriedade o desejo infantil, além de provocar a comicidade no sem-sentido com o desejo irracional de ter um burrinho falante e ainda da carta ser escrita para o menino que não sabe ler e morar na rua das casas, cujo número é o “das portas”. O poema também atinge a multiplicação condensada de sentidos, fornecendo o efeito figurado poético. Além disso, Aguiar (2001) também aponta que poemas como esse cobram do leitor em exercício de raciocínio para descobrir que as ideias não se completam nem são coerentes entre si. Mas o poeta faz um jogo proposital, que aproxima situações inconciliáveis num treino divertido de imaginação. Dessa forma, o poema brinca com a própria realidade, transferindo para o mundo imaginário infantil as muitas nuances reais que pela sua natureza concreta não basta a criança, ela então a transforma em brincadeira e isso é retratado com maestria nesse poema de Cecília Meireles.

No depoimento de Paes (1996), já citado neste trabalho, o poeta e crítico afirma que é preciso chamar a atenção da criança para as surpresas que podem aparecer no texto, como se estivessem brincando de pique esconde durante a leitura e exemplifica essa questão da surpresa na poesia a partir do poema “Vida de sapo”, presente no livro *É isso ali*, de 1984:

O sapo cai
 num buraco
 e sai.
 Mas noutro buraco
 cai.
 O sapo cai
 num buraco
 e sai.
 Mas noutro buraco
 cai.

É um buraco
a vida do sapo.
A vida do sapo
é um buraco.
BURACO PRA LÁ.
BURACO CÁ.
Tanto buraco enche o sapo.

Ao comentar seu próprio poema, Paes (1996, p. 21) diz o seguinte: “a palavra escrita exerce efeitos que a palavra oral por si não exerce”. Essa criatividade pode ser investigada como algo ligado ao público infantil. Foi o que aconteceu com o poema mencionado, quando o autor o passou para a máquina sugeriu uma escada em forma de poema, dando a impressão de queda ou declínio, favorecendo os sentidos das palavras contidas no poema: cai e sai, partindo, assim, os versos em unidades menores. Esse tipo de liberdade no fazer poético é bastante possível, pois não nos esqueçamos de que

Poesia é arte, é a beleza descoberta em alguma coisa ou em nós: é um sentido especial que o mundo adquire de repente; é uma forma peculiar de atenção que, com simplicidade e verdade, vai até a raiz das coisas para revelá-las de uma nova maneira.(COELHO, 1982, p.154).

Partindo dessa perspectiva, podemos dizer que ao explorar a possibilidade da poesia, é necessário também ajudar a criança a reconhecer o potencial dessa linguagem, de modo a despertar sua imaginação, orientá-la a mergulhar na fantasia e mesmo assim enxergar que tudo isso é possível aplicando a língua por ela falada todos os dias, dando significado a novas formas de se expressar e se fazer ouvir. Para tanto, é importante deixar que a criança possa refletir, associar, viver, pensar e se relacionar com os fatos apresentados no texto, dando-lhe sentido e ampliando sua visão da realidade.

A fantasia e a imaginação são acionadas para se pensar e brincar com nossa tradição. Conforme afirma Bordini (1986), a poesia assemelha-se a um brinquedo para a criança, pois ela proporciona emoções, divertimento e, a partir do lúdico expresso nas palavras, promove o encantamento diferenciado nas crianças.

Desse modo, a autora chama a atenção para a importância do trabalho com a poesia em sala de aula e, seguindo a esteira desse pensamento, não podemos

deixar de chamar a atenção para as circunstâncias necessárias para uma abordagem adequada da poesia na escola, conforme orienta Pinheiro (2018). Toda e qualquer abordagem deve começar pela leitura e apreciação do poema em sala de aula, no entanto, sem a preocupação precípua de exploração de seus conteúdos, mas uma leitura por prazer, desvinculada de qualquer preocupação com sua mensagem, afirma Pinheiro (2018, p.111):

O caminho que parece mais promissor, embora mais difícil, devido à pouca prática de leitura de poemas entre professores, é o da busca, na obra de nossos poetas, de poemas que respondam ao horizonte de expectativa do leitor jovem.

Pinheiro enfatiza que a poesia ocupa um espaço distanciado entre os gêneros apresentados nas aulas de português. Segundo o professor:

De todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula. Pesquisas mais antigas e também recentes apontam sempre certo distanciamento entre o leitor escolar e o gênero lírico. (PINHEIRO 2018, p.11)

Desse modo, é preciso levar em consideração alguns aspectos que, segundo o autor são imprescindíveis para que se tenha um trabalho mais produtivo e prazeroso no que diz respeito ao trabalho com o poema em sala de aula. Vejamos alguns critérios apontados por Pinheiro (2018): a primeira condição indispensável é que o professor seja realmente um leitor com uma experiência significativa de leitura, não que o professor precise ser um erudito, mas que, mesmo tendo lido poucas obras, por exemplo, o tenha feito de forma bem desenvolvida, que conheça poemas centrais de determinados poetas, assuntos frequentes e também peculiaridades da linguagem poética.

Ainda observando Pinheiro (2018), identificamos como uma segunda condição a necessidade de haver sempre uma pesquisa sobre os interesses dos alunos, quando já os conhecemos bem, esse levantamento pode ser feito de maneira sistemática. Atentos ao universo deles podemos oferecer, de início, poemas que mais facilmente serão apreciados e conhecendo também as fases do desenvolvimento intelectual, por mais que cada escola, município e estado possam ter níveis de interesse diversos.

Dessa forma, os gostos podem variar e mudar repentinamente, o que não garante que eles serão conquistados pela poesia. Existe também a realidade de algumas experiências que não estão presentes nas vivências das crianças e adolescentes e, por isso, eles não têm a possibilidade de sugerir tais conteúdos aplicados à literatura. Dessa maneira, o professor deve levar aos alunos textos novos, não sendo necessário permanecer apenas no que sugeriram, sendo que por vezes refletir acerca de temáticas tensas, como por exemplo: guerra e violência podem gerar experiências riquíssimas. Diante disso, a pesquisa se faz necessária como um recolhimento de dados para dar início ao trabalho, mas a experiência não deve se esgotar neles.

Por conseguinte, Pinheiro (2018) orienta que o ambiente em que a poesia é trabalhada seja adequado:

Sobretudo nos primeiros anos de estudo, favorece o interesse e o gosto pela poesia. Ir ao pátio da escola para ler uma pequena antologia, pôr uma música de fundo enquanto se lê são procedimentos que ajudam na conquista do leitor; são condições que, se dispensadas, poderão debilitar uma experiência que poderia ser mais rica, mais significativa. (PINHEIRO 2018, p. 24)

Finalmente, o trabalho com a poesia deve ter uma constância, um planejamento e uma abordagem que extrapole os limites da sala de aula, “é no cotidiano que se planta o gosto pelo texto. Algo que exige trabalho, planejamento, disposição e compromisso com a educação”, declara (PINHEIRO, 2018, p. 28). Com base no posicionamento do crítico, podemos afirmar sobretudo a necessidade que se desenvolva um trabalho prazeroso, favorecendo, conseqüentemente, o diálogo entre o texto literário e o leitor. Especificamente no que diz respeito ao público em período de letramento, se faz indispensável uma vivência de caráter lúdico, que possibilite o aguçamento da imaginação e da fantasia poética. Logo, as condições indispensáveis para uma abordagem exitosa da poesia em sala de aula precisam ser consequência de um trabalho sistemático e organizado, se quisermos, finalmente, formar o leitor do texto literário.

2 SOBRE A POESIA INFANTIL DE CECÍLIA MEIRELES

O propósito deste segundo tópico é situar a poesia infantil de Cecília Meireles no contexto da produção poética voltada para crianças, destacando a qualidade artística dos poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, livro considerado como um dos maiores legados no que se refere ao gênero poético para leitores mirins.

Estudos já realizados em torno da obra de Cecília Meireles costumam identificar a sensibilidade e inteligência incomuns que se verifica na poesia da autora. É o que observa Queirós (2005) quando afirma que sua poesia nos desloca para outro espaço e imaginário profundo. Suas metáforas são feitas com tanta avidez, que, por vezes gera estranheza pensar em sua capacidade de filtrar e se esconder na realidade, ela chega a surpreender com o seu poder de transportar para o campo da poesia as tantas emoções que nos causa maravilhamento:

Cecília Meireles se expressou de maneira sofisticadamente e simples. Daí sua poesia se tornou propícia a todos, inaugurando vários níveis de leitura, como convém à literatura. A poeta soube, como ninguém, que o homem é verbo e sua vida é conjugável: é passado, é presente, é futuro. Por ser assim, sua escritura não tem idade. (QUEIRÓS, 2005, p.01)

Em artigo intitulado “Cecília Meireles: imagens femininas”, Dal Farra (2005) discute a poesia de Cecília Meireles como certa apreensão do mundo por meio da sua inexorável mutação, a tentativa de eternizá-lo naquilo que ele possui de perecível, o apelo ao elemento concreto na representação da mais profunda intimidade ou do pensamento mais abstrato, a pulsante acuidade perceptiva que se vale de toda a gama sensorial para localizar as qualidades ocultas incrustadas no mundo físico. Segundo essa autora, tal característica profunda e atenta fez parte da vida da escritora desde sua infância, pela sua experiência, de acordo com o que ela própria relata em entrevista à Revista *Manchete*, em 1953:

Nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, três meses depois da morte de meu pai, e perdi minha mãe antes dos três anos. Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência. Em toda a vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder. A noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade.

Esse sentimento de transitoriedade a que se refere a poetisa se verifica, inclusive, em sua poesia infantil, cujo público foi uma grande preocupação da autora, que afirma: o ato de ler feito pela criança ou para ela não é um “passatempo” e sim uma “nutrição” (MEIRELES, 1951, p. 28). A poetisa não considera de maior importância os livros infantis que tenham como foco apenas o ensino, ou seja, textos "didáticos" que são considerados literatura, ao contrário, deveriam servir boa estética literária, demonstrando, assim, sua preocupação em promover a apreciação estética do que em ensinar.

As obras produzidas por Meireles “discutem temas centrados em vivências infantis, do universo dos jovens, de seus pensamentos, anseios. Apresentadas em linguagem lúdica, são acessíveis e sedutoras para a meninada que começa a descobrir a literatura”, afirma Bastos e Cunha (2001, p. 206). Desse modo, a poetisa entende que é a qualidade com que se escreve que promove seus leitores, daí por que afirma Cecília: “Ah! Tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda [...]” (MEIRELES, 1951, p. 19-20).

A preocupação de Meireles que se verifica nessa publicação coloca o livro como um dos primeiros a estabelecer novos critérios para essa literatura, no qual a autora se posiciona:

Em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo a crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela satisfaz ou não. (MEIRELES, 1951, p. 27).

Conforme podemos observar, autora defende que a literatura infantil se insere no âmbito da literatura geral – caracteriza-se por seu valor estético – e que ela deveria ser um meio empregado na formação das crianças por “sugerir mundo de prazer espiritual e de alto exemplo” (MEIRELES, 1951, p. 26).

A qualidade estética dos 56 poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, de Cecília Meireles, que veio a público em 1964, pela Editora Giroflê, configura-se como um dos seus principais aspectos que chama a atenção tanto de adultos quanto de crianças, mesmo aquelas ainda não letradas, pois tendem a estimular a imaginação e a sensibilidade dos pequenos leitores.

Os efeitos dos elementos sonoros e da essência musical presente nos poemas rompe com a tradição exclusiva e prioritariamente associada à criação de poemas repletos de conselhos, normas, ensinamentos, pautados por uma pedagogia com valores tradicionais até a década de 1960. Cecília Meireles, junto com outros autores, faz parte de um movimento de fortalecimento da literatura infantil, reiterando a concepção de que a boa literatura infantil é aquela com a qual a criança se identifica, ou como a própria Meireles coloca, aquelas que “as crianças leem com agrado” (MEIRELES, 1951, p. 97)

Ou Isto Ou Aquilo envereda por temas que costumam agradar ao público infantil, a exemplo de bichos, natureza, situações inusitadas do cotidiano em uma postura cômica, bem humorada, além da valorização de elementos típicos do universo da criança, como a brincadeira, seja o brincar da menção aos brinquedos que povoam este universo, seja a pura brincadeira que se verifica no jogo com as palavras, numa linguagem leve que tende a favorecer a fantasia e aguçar a imaginação dos leitores. Do livro, interessa-nos, sobretudo, os poemas que valorizam a brincadeira, os poemas de humor- que comparece nos textos muitas vezes a partir de uma aparente falta de lógica e os de pura fantasia poética, que conduzem o leitor ao encontro dos seus anseios e sonhos.

Apesar do livro trazer uma quantidade significativa de poemas, como pensamos em elaborar uma vivência leitora para ser realizada com os alunos da educação infantil ao longo de um mês, a limitação de tempo nos permitiu escolher quatro textos poéticos: um que versa sobre o tema da brincadeira, “Leilão de jardim”; um segundo que explora uma situação aparentemente do cotidiano mas acaba discutindo uma necessidade humana: “A língua do nhem”; um terceiro que adquire um tom humorado, “A chácara do Chico Bolacha” e o quarto, que traduz os anseios infantis, como a necessidade de ter um amigo de fantasia, como se verifica no poema “O menino azul”, no qual também se observa a presença sutil do humor advindo da aparente falta de lógica em que se constrói o texto poético. No tópico a seguir, traçamos uma análise desses poemas, para, num segundo momento, propor uma vivência leitora a partir dos mesmos.

3. A POESIA NA SALA DE AULA: proposta de uma vivência poética com alunos da educação infantil a partir de *Ou Isto Ou Aquilo*

Conforme já enunciamos, esse terceiro momento da pesquisa é dedicado ao estudo analítico do livro *Ou Isto Ou Aquilo*, mais especificamente de quatro poemas selecionados para a organização de uma proposta para a sala de aula com alunos da educação infantil. A proposta que idealizamos e apresentamos no segundo momento deste tópico, visa, a partir das abordagens sugeridas, valorizar o caráter lúdico inerente ao texto poético e o prazer da leitura tão pouco vivenciado no contexto de ensino.

Sobre *Ou Isto Ou Aquilo*, de Cecília Meireles, publicado inicialmente, em 1964, Carlos Drummond de Andrade (1964) assim se refere: “livrinho comprido, com cara de brinquedo ou de bicho, um encontro do pequeno com a poesia: sorte dos garotos que toparem com essa caixa de surpresas. [...] Não sei se passo o livrinho ao pessoal miúdo da minha roda ou se fico com ele para mim” (Andrade, 1964).

Acerca da qualidade estética dos poemas presentes na antologia de Meireles, Coelho (1980, p. 42) quando diz que a poesia “é uma linguagem verbal artística, rítmica ou melódica liberta da lógica da linguagem comum”, reconhece que a poetisa alia elemento de natureza sonora e musical à subjetividade, mas sem deixar de lado o estímulo a imaginação das crianças, que nesse livro está repleta de lirismo e de emoção.

Segundo Arroyo (2010 p. 218-219), livros como os de Cecília Meireles não perdem suas características de interesse, inclusive para o público escolar, porque são:

Marcados por uma beleza de expressão, de temas, que explicam facilmente o seu êxito. Em *Ou isto ou aquilo*, livro de excepcionais virtudes literárias para a sensibilidade infantil, Cecília Meireles deixou-nos verdadeira obra-prima da poesia moderna para crianças.

Iniciando o comentário analítico dos poemas que integrarão a proposta de vivência leitora que sugerimos no segundo momento deste tópico, temos “Leilão de jardim”, composição que tematiza uma dinâmica presente no universo dos adultos, o leilão, que no texto de Meireles assume ares de um faz de conta com elementos que povoam o universo infantil, observe:

Quem me compra um jardim com flores?
Borboletas de muitas cores,

lavadeiras e passarinhos,
ovos verdes e azuis nos ninhos?
Quem me compra este caracol?
Quem me compra um raio de sol?
Um lagarto entre o muro e a hera,
uma estátua da Primavera?

Quem me compra este formigueiro?
E este sapo, que é jardineiro?
E a cigarra e a sua canção?
E o grilinho dentro do chão?

(Este é o meu leilão.)
(MEIRELES 2020, p.14)

Conforme demonstra o texto, os objetos leiloados pelo eu lírico figuram como elementos da natureza, valorizando a fauna e a flora desse contexto: o “jardim com flores” é enunciado e nele existe, a partir desta composição poética, “borboletas de muitas cores”, “lavadeiras e passarinhos”, “ovos” coloridos, “caracol”, “raio de sol”, um “lagarto entre o muro e a hera”, um “formigueiro”, um “sapo”, uma “cigarra” e até um “grilinho dentro do chão”. Ou seja, um universo lindo, colorido, cheio de vida e fantasia poética se transfigura para o leitor, que, aceitando a proposta mergulha nesse mundo multicolorido que encanta o leitor em geral, trazendo diversão e entretenimento ao público infantil. Esses elementos são pintados como tesouros preciosos que podem ser adquiridos pelo “comprador” /leitor os quais vão sendo revelados aos poucos, como se quisesse nos chamar a atenção para a beleza escondida na natureza que muitas vezes não valorizamos ou não apreciamos devidamente, já que os leilões em geral são realizados a partir de objetos de valor pecuniário.

Nesta perspectiva, podemos dizer que o poema chama a atenção para a necessidade de observação cuidadosa e da valorização das pequenas coisas na vida. Por vezes, podemos nos deixar levar pela correria do dia a dia e ignorar a riqueza de detalhes que existem ao nosso redor, sejam eles no âmbito da natureza, das relações humanas ou das próprias experiências pessoais.

Dessa forma, o poema nos convida a refletir sobre a necessidade de uma perspectiva mais atenta e apreciativa, sugerindo que até mesmo algo tão simples como um jardim pode conter tesouros que muitas vezes passam despercebidos. A mensagem subjacente é a valorização do presente e a busca pela beleza e significado nas pequenas coisas da vida, despertando um senso de gratidão e

maravilhamento diante da grandeza que pode existir nos detalhes aparentemente comuns.

Dando sequência as análises, observaremos agora o poema “A língua do nhem”, que tematiza sobre dois importantes aspectos da vida: a solidão e a necessidade inerente do ser humano de se relacionar com outros seres vivos. Apesar do título sugerir uma ênfase descritiva, o poema se apresenta como narrativo, seguindo uma estrutura clássica de começo, meio e fim.

A “história” narrada no poema é construída por meio de uma sucessão de momentos encadeados, que nos fornecem informações sobre o passado, presente e futuro. Essa estrutura narrativa nos permite compreender a jornada do protagonista ao longo do tempo, uma “velhinha” que estava “sempre em casa” e vivia “resmungando sozinha: nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...”:

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa velhinha
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
pricipiou também
a miar nessa língua
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,

ficou toda contente,
 pois mal a boca abria
 tudo lhe respondia:
 nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...
 (MEIRELES, 2020, p.27)

Notamos, então, que a solidão é um dos temas centrais explorados no poema, uma vez que a “narrativa” revela que a protagonista está imersa em um sentimento de isolamento, de não pertencer ou de não ter alguém com quem compartilha sua vida. Esse sentimento de solidão é descrito de maneira profunda, dada a repetição que seu resmungo é reiterado ao final de cada estrofe, sugerindo uma experiência intensa e significativa, nos colocando a possibilidade de encontrar uma solução para esse sentimento, já que empreende uma jornada em busca da “língua do nhem”, sugerindo uma busca por uma linguagem que possa estabelecer uma conexão genuína com outro ser vivo. Essa jornada indica uma busca por compreensão mútua, por uma forma de comunicação que transcende as barreiras da solidão.

O poema também enfatiza a necessidade inerente do ser humano de se relacionar com outros seres vivos. A “velhinha” demonstra buscar essa conexão, ansiosa por alguém com quem possa estabelecer uma comunicação profunda e autônoma. Essa necessidade de relacionamento humano é retratada como uma característica fundamental da condição humana, uma busca incessante por vínculos emocionais que tragam significado e plenitude. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que o poema aponta para uma reflexão existencialista.

O terceiro poema selecionado, “A chácara do Chico Bolacha” nos apresenta um lugar extremamente bagunçado, onde tudo “o que se procura nunca se acha”, observe:

Na chácara do Chico Bolacha
 o que se procura
 nunca se acha!

Quando chove muito,
 O Chico brinca de barco,
 porque a chácara vira charco.

Quando não chove nada,
 Chico trabalha com a enxada
 e logo se machuca
 e fica de mão inchada.

Por isso, com o Chico Bolacha,

o que se procura
nunca se acha.

Dizem que a chácara do Chico
só tem mesmo chuchu
e um cachorrinho coxo
que se chama Caxambu.

Outras coisas, ninguém procura,
porque não acha.
Coitado do Chico Bolacha!
(MEIRELES, 2020, p.58)

A desordem enunciada é atribuída à falta de organização do próprio dono da chácara, o Chico Bolacha, sugerindo um ambiente caótico e confuso, onde os objetos estão espalhados por todos os cantos e é difícil encontrar qualquer coisa específica. Ou seja, Chico parecer não ter um sistema ou método para guardar seus pertences, gerado em um ambiente desorganizado e confuso. Isso cria uma situação em que, quando alguém precisa encontrar algo na chácara, acaba não encontrando, pois os objetos estão perdidos em meio à desordem.

Além disso, o poema menciona que na chácara do Chico Bolacha ou “chove muito ou não chove”. A referência ao clima pode ser interpretada como uma metáfora da instabilidade que existe na chácara. Assim como o clima é imprevisível, oscilando entre períodos de muita chuva e de seca, a organização na chácara também é inevitável, variando entre momentos de completa desordem e momentos de aparente ordem.

Essa falta de organização e a conseqüente bagunça na chácara do Chico Bolacha podem ter diferentes significados. Pode representar a dificuldade do próprio Chico Bolacha em lidar com a organização e a manutenção do espaço. Também pode ser uma metáfora para a falta de controle sobre outras áreas de sua vida, refletindo sua personalidade ou confusão em seus pensamentos.

Apesar dessa desorganização e da falta de controle sobre aspectos de sua vida, Chico Bolacha é descrito como toda criança, que “brinca de barco”, quando a chácara “vira charco”. Essa imagem do menino brincando de barco nos remete para as brincadeiras infantis, sobretudo aquelas ligadas a elementos da natureza. Enfim, para a criança, não importa se falta algo ao seu redor ou que as coisas estejam desorganizadas, o importante é brincar.

A condição de carência em que se encontra o Chico Bolacha contrasta com o sentimento de alegria do menino ao brincar de barco e esse contraste, quando se junta ao posicionamento do eu lírico, que finaliza o texto com a seguinte exclamação: “coitado do Chico Bolacha!”, resulta numa sutil comicidade, ao mesmo tempo em que dá leveza ao estado caótico em que se encontra o “personagem”. O humor advém da leveza da brincadeira do menino que se distrai ao brincar de barco e o estado de desorganização que o cerca, prevalecendo, assim, a imagem da brincadeira e da alegria que o brincar provoca.

Por fim, temos o quarto poema escolhido para a nossa vivência leitora: “O menino azul”, cujo título já nos revela um menino diferente, específico. Já indicamos o texto no tópico anterior, quando tratávamos da poesia voltada para a infância. Descrito por um eu lírico que se posiciona em terceira pessoa, temos um menino que deseja um “burrinho para passear”, “um burrinho manso” que saiba várias coisas, inclusive “conversar”. Seus anseios vão sendo evidenciados ao longo das cinco estrofes que compõem o texto poético que culmina numa contradição: “(quem souber de um burrinho desses, / pode escrever/para a Rua das Casas, / Número das Portas, /ao Menino Azul que não sabe ler.)”.

O poema não deixa dúvida quanto ao desejo do menino, consistindo nesse desejo a tematização do texto. Além do fato de se tratar de um menino específico, já que é descrito como “azul”, outro aspecto que chama a atenção é o uso do diminutivo em “burrinho”, conferindo uma conotação amigável ao animal, transmitindo a ideia de que o menino deseja um companheiro gentil e dócil. Se o animal fosse simplesmente chamado de “burro”, a conotação seria diferente, possivelmente sugerindo um animal menos afável. O menino quer um “burrinho manso, que não corra nem pule, mas que saiba conversar”. Essa especificação reforça a ideia de que o menino busca um companheiro tranquilo e que seja capaz de estabelecer uma forma de comunicação com ele. A habilidade de conversar atribuída ao burrinho pode ser entendida literalmente, como se o animal pudesse falar, quanto simbolicamente, representando uma conexão especial e um entendimento mútuo entre o menino e seu companheiro.

O desejo por um amigo que possa acompanhá-lo em suas aventuras e com quem possa estabelecer uma forma de comunicação única sugere uma atmosfera emotiva que pode favorecer a identificação entre texto e leitor, que tende a se surpreender com a solicitação posta no poema ao seu final: “quem souber de um

burrinho desses, escrever ao Menino Azul que não sabe ler”. Essa contradição inusitada evidencia uma falta de lógica que resulta no riso, destacando-se, assim, a postura bem humorada da autora, que parece compreender que o riso tem sua importância na experiência não apenas da criança.

Passemos agora a pensar em formas lúdicas de abordagem dos quatro poemas comentados, tomando como ponto de partida as sugestões de experiências relatadas por Pinheiro (2018).

3. 1 Proposta de uma vivência leitora em sala de aula: retomando o jogo dramático

O planejamento de uma vivência leitora a partir dos poemas anteriormente comentados, tomou como referência um dos capítulos do livro *Poesia na Sala de Aula*, de Pinheiro (2018), mais especificamente o que trata do jogo dramático sugerido por este autor, que a partir das concepções de Slade (1978) e Ryngaert (1981) chegou a seguinte formulação a respeito desse tipo de jogo:

Se constitui numa ação natural das crianças e, ousamos dizer, do ser humano em geral. Mesmo que fisicamente não realizemos mais esses jogos ao modo das crianças, nossos devaneios, muitas vezes, cumprem essa função simbólica de representação. (PINHEIRO 2018, p. 83)

Depois de apresentar seu entendimento sobre o jogo dramático, o autor a propor algumas experiências que realizou ao longo de sua convivência com alunos do ensino fundamental, trazendo, inclusive, uma proposta de jogo dramático a partir de “Leilão de jardim”. Com este poema, Pinheiro (2018. p. 91) começa sua experiência de jogo dramático a partir de poemas, trabalhando esse texto em turmas de 2^a, 3^a e 4^a séries do ensino fundamental, sugerindo os seguintes passos:

- 1- Afastar as carteiras, deixar bastante espaço no centro da sala;
- 2- Alunos e professores sentam-se no chão, formando, se possível, um círculo;
- 3- Entregar uma cópia do poema a cada aluno;
- 4- Leitura silenciosa por todos, seguida de uma leitura oral expressiva pelo professor;
- 5- Iniciar um diálogo sobre o poema: gostou? Do que mais gostou? O que achou diferente? O que achou engraçado? Etc.;

- 6- Conversar um pouco sobre leilão: o que é? Já presenciou um? De quê? Como? Onde? Deixar que os que conhecem explique aos demais (inclusive, se quiserem, encenando);
- 7- Conversar sobre o jardim: o que é? Se gostam, se têm. Se sabem cuidar de um jardim; fazer levantamento dos animais/bichos e objetos presentes no jardim leiloado;
- 8- Sugerir que os alunos indiquem outros animais, objetos e plantas que poderiam ser encontrados em um jardim. Neste momento, o professor vai anotando no quadro as sugestões que surgirem;
- 9- Propor um jogo dramático tendo como cenário o jardim e como participantes as personagens enumeradas pelos alunos. Não deixar nenhum aluno fora do jogo;
- 10-Organizar o jogo: quem é o quê? Onde fica? Dar uma ordenação mínima às ações (sequencia possível; primeiro diálogo entre rosas, depois uma discussão com as formigas etc.)
- 11-Iniciar o jogo: incentivar ao máximo a improvisação, base do jogo dramático (falas, gestos, movimentos etc.)
- 12-Depois de iniciado, o jogo pode ser interrompido rapidamente quando houver algum impasse. Evitar parar muitas vezes. Não importa muito aqui a qualidade teatral das cenas, antes, o jogo criativo, o envolvimento alegre e espontâneo de todos;
- 13-Encenando o jogo, discuti-lo com os alunos: deixá-los comentar livremente;
- 14-Conclusão: com todos sentados em círculo, o professor relê o poema que motivou a atividade.

A partir das sugestões de outros animais indicados pelos alunos no item 8 dos passos propostos por Pinheiro (2018), o professor pode improvisar um outro leilão acrescentando as personagens que os estudantes indicaram. A partir da orientação do autor podemos pensar em trabalhar essa proposta com os alunos da educação infantil, por isso, acreditamos que podemos repetir todos os passos do jogo proposto por Pinheiro (2018), alterando o final da experiência: depois de o professor reler o poema que motivou o jogo, o professor poderia solicitar que os alunos ilustrassem o

jardim leiloado. Enquanto as crianças elaboram suas ilustrações, o professor coloca uma música sobre bichos/natureza para as crianças ouvirem enquanto produzem.

3.2 Explorando “A língua do nhem”

Antes de descrever a proposta planejada para o poema “A língua do nhem”, vale destacar que partimos do pressuposto de que as abordagens com o texto literário em geral devem favorecer o despertar da sensibilidade, acionar a emoção das crianças, explorando sua criatividade promovendo a identificação entre o texto e o leitor, ou seja, fazer a ponte entre a vivência posta no texto e a experiência da criança.

Desse modo, uma conversa informal em torno da temática do texto pode realizada antes da leitura de um poema como “A língua do nhem”, a partir de perguntas como: “algum de vocês tem uma avó idosa, com quem ela vive, o que faz, se ainda trabalha, com que frequência costuma ir visitar?” Conforme se verifica, são perguntas que podem colocar em evidência as várias experiências das crianças. Feitas essas questões, cujas respostas que se aproximarem da experiência da “velhinha” do podem ser anotadas no quadro, o professor informa que vai realizar a leitura de um poema sobre uma senhora e convoca a turma a ouvir a leitura que realizará de forma expressiva do texto poético em questão.

Feita a leitura, o professor poderá reler o poema, dessa vez com a ajuda das crianças, que serão convidadas, sob o comando do docente, o refrão que fecha a maioria das estrofes: “nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...” Dessa maneira, o professor estará de maneira simples, explorando um dos aspectos sonoros do texto, o qual poderá ser vivenciado a partir de uma dramatização. Para tanto, o professor organizará a atividade a partir da escolha dos personagens e distribuição de suas falas, que poderão ser memorizadas por cada aluno. Se algum ficar de fora, poderá ficar responsável pelo desenho de um dos bichos que vão comparecendo no texto, bem como algum adereço que represente a “velhinha” mencionada no poema. O desenho criado pode ser colado no peito de cada personagem. O professor ainda pode providenciar algum outro objeto que retome o ambiente em que a idosa é ambientada, dando mais realidade à vivência. Feitos alguns ensaios, a dramatização pode ser realizada.

3.3 Conhecendo a “A chácara do Chico Bolacha”

Ao pensar em criar uma expectativa nos estudantes para a leitura deste poema, o professor apresenta para as crianças várias ferramentas rurais, através imagens ou flashcards, dizendo seus nomes e para que servem. Em seguida, introduz o poema informando que o texto abordará um ambiente em que as ferramentas apresentadas são utilizadas e faz-se a leitura expressiva do texto poético.

Após a leitura, provocar uma conversa informal a cerca, lançando questões como esta: vocês conhecem alguém que vive em chácara ou sítio? Ouvir os relatos dos estudantes. Supondo que os alunos poderiam expor a realidade quente do sertão onde estão inseridos, questioná-los se conhecem ou lembram de alguma música que trate/lembre a realidade difícil do Chico Bolacha. Como talvez não conheçam a música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, apresentar a música a turma, primeiro apresentando o texto e em seguida ouvindo a música.

Como forma de atividade, explorar um pouco a letra da música, a partir de questões do tipo: vocês já viram uma asa branca, quem conhece esse pássaro? Alguém tem algum parente que foi embora de sua cidade por causa da seca? Feita essa discussão, o professor pode solicitar que a turma crie uma ilustração para a música de Gonzaga e depois propõe que elaborem a volta da asa branca, em forma de produção textual. A proposta pode ser concluída com a audição da volta da asa branca, também de Gonzaga e comparar as produções textuais dos alunos com o texto de músico nordestino.

Uma outra possibilidade de produção escrita poderia ser a recriação do texto de Meireles numa produção livre, em que os alunos poderiam ampliar a experiência descrita no poema, a partir de questões como a seguinte: como seria a vida de Chico Bolacha se ele não morasse sozinho, tivesse uma esposa e filhos? Que outras brincadeiras o Chico poderia criar com seus filhos?

Dessa forma, conforme já aponta Pinheiro (2018), ao combinar constância, planejamento e abordagem lúdica, o trabalho com poesia pode se tornar uma experiência enriquecedora, já que a poesia oferece a oportunidade de explorar a linguagem de forma criativa, de expressar emoções e ideias de maneira única, é

possível também proporcionar um ambiente propício para o desenvolvimento poético e a apreciação dessa forma de arte.

3.4 Trabalhando com “O menino azul”

Pretendendo uma vivência divertida com o poema “O menino azul”. Uma primeira ação que o professor pode efetuar é a ativação da imaginação das crianças ao conduzi-los a pensar em um menino azul e um burrinho falante, seguida de perguntas como se às crianças se já viram um menino azul ou um burrinho falante e convidá-las a conhecê-los.

Essa abordagem desperta a curiosidade das crianças e as convida a se envolverem na história, dessa forma também é interessante pedir aos alunos que observem atentamente as ilustrações do livro, pedindo que expressem suas opiniões sobre o que eles acham que encontrarão na história com base nas imagens. Essa atividade estimula a observação visual, a interpretação e a antecipação do enredo, colocando as crianças de forma mais ativa com o livro. Ao ler o poema em voz alta, é importante fazê-lo de forma pausada e expressiva, destacando os versos e as palavras-chave. Para enfatizar a sonoridade das palavras, o professor pode variar a entonação, o ritmo e a velocidade da leitura, destacando as rimas e os aspectos musicais do poema. Durante a leitura, é válido fazer pausas estratégicas para discutir com a turma sobre as emoções e sentimentos que o poema desperta.

As pausas podem ser feitas após a leitura dos trechos que demonstram os interesses do menino por meio de figuras de linguagem, como metáforas ou comparações. Será que, na verdade, o menino quer apenas um amigo? Nessas pausas, o professor pode encorajar os alunos a compartilharem suas interpretações, sentimentos e opiniões sobre o poema, criando um espaço de diálogo e reflexão coletiva. Sendo assim, ao finalizar a leitura, o professor pode convidar os alunos a compartilharem suas reflexões sobre o poema. Pode-se fazer perguntas abertas, como "O que vocês acharam do poema?" ou "Quais sentimentos o poema despertou em vocês?". Isso permite que as crianças expressem suas opiniões e experiências, promovendo a valorização da individualidade e o respeito às diferentes perspectivas.

Após a discussão sobre o poema, o professor pode levantar o questionamento sobre a cor preferida dos alunos e qual espécie de animal amigo e

falante eles gostariam de ter. Essa atividade estimula a imaginação das crianças e incentiva-as a expressarem seus sonhos e desejos de forma criativa. O professor pode propor que os alunos façam desenhos que expressem as respostas das perguntas mencionadas anteriormente, permitindo que eles materializem suas ideias de forma visual e artística. Isso promove a interação, a expressão pessoal e o desenvolvimento das habilidades artísticas das crianças.

Dessa forma, conforme Bordini (1986) já aponta, o poema cria um universo ficcional em que a realidade é subvertida e as carências emocionais do menino triste são exploradas. O desejo infantil é abordado de forma séria, mostrando a importância e a intensidade desse sentimento na vida da criança. Ao mesmo tempo, a obra também utiliza elementos cômicos e sem sentido, como o desejo irracional de ter um burrinho falante, criando uma atmosfera de humor e desconstrução, reafirmando a significância em se trabalhar poemas como esse em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurando sistematizar e ofertar uma proposta de abordagem com poemas de *Ou Isto Ou Aquilo*, de Cecília Meireles, planejada para ser vivenciada por alunos da educação infantil, este trabalho demonstra, por sua vez, a importância da leitura de poemas nos anos iniciais, como processo significativo na formação do alunado, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da sensibilidade, papel que a poesia deve cumprir sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Partimos do pressuposto de que o gênero, rico em sonoridades como a rima, as aliterações e assonâncias e outros elementos rítmicos possibilita o contato da criança com o ludismo da linguagem inerente ao texto poético, aguçando, sobremaneira, a fantasia típica da infância.

A vivência leitora que apresentamos como proposta lúdica vai na contramão do livro didático, cuja abordagem do texto literário em geral não favorece a criatividade nem a aproximação do leitor. Este costuma ser conduzido a responder grandes questionários mais preocupados com questões extra texto, a exemplo de questões gramaticais, sem a motivação para interagir com o poema, sem a possibilidade de interagir com a experiência posta no texto. Daí a necessidade de experiências que permita a valorização do leitor, que, ao ser posto em contato com a fantasia poética, tem a chance de expandir sua visão de mundo, ampliar seus horizontes de expectativas. Por isso, se faz importante que o professor seja um leitor experiente do texto literário e leia com prazer junto aos seus alunos.

Reiteramos, os educadores precisam assumir o papel de motivador do hábito da leitura, tendo também um repertório de poesia com temas de interesse dos alunos, para que, dessa forma, agindo com sensibilidade, eles percebam a importância desse gênero literário, que atua na imaginação, fantasia, emoção e como dito anteriormente na ampliação da criatividade por parte dos estudantes.

Ao longo deste trabalho, abordamos, dentre outros aspectos, a importância da poesia e do estímulo à imaginação e criatividade, sobretudo nos deixando pela fantasia poética de *Ou Isto Ou Aquilo*, livro que permite um mergulho no universo infantil a partir do jogo com a linguagem criada Cecília Meireles, trazendo os sonhos, os anseios e as marcas da infância, a exemplo da brincadeira e do ludismo com a linguagem, como evidenciamos com o comentário dos poemas que integraram nossa proposta de vivência leitora. Acreditamos, portanto, que a leitura dessa obra

permite que os alunos entrem em contato com diferentes perspectivas e olhares sobre a vida, ampliando sua compreensão sobre a pluralidade cultural, e, dessa forma, sendo estimulados à leitura prazerosa, tão necessária para a formação de leitores. Por isso, esperamos que este estudo sirva de apoio e incentivo para os pesquisadores, alunos de graduação e também educadores, que estejam habilitados para construir um novo modo de exercer a literatura em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Org.). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 317 p.
- AGUIAR, V. T. (coord.). **Era uma vez na escola...** formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990
- ANDRADE, C. D. **Imagens de flautinha. Ou isto ou aquilo**. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 jul. 1964
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. rev. e ampliada. São Paulo: UNESP, 2011.
- BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. **Letras em festa**. In: NEVES, M. S.; LÔBO, Y.L. M.; VENANCIO, A. C. (Orgs.). *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Loyola, 2001, p. 201-210.
- BORDINI, M. G. **Poesia Infantil**. São Paulo: Ática, 1986.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Quíron/Global, 1982
- CUNHA, Maria Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18 ed. São Paulo; Ática, 2003.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. **Cecília Meireles: imagens femininas. Cadernos Pagu (27)**, julho-dezembro de 2005 :pp.333-371.
- FAUSTINO, M. **Poesia-Experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- GOLDSTEIN, Norma S. **Versos, sons, ritmos**. São Paulo, 2005.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas de Literatura Infantil**. São Paulo: Global, 1951.
- _____. **Ou isto ou aquilo**, São Paulo, Global editora, 2020.
- MENEZES, Fagundes de. **Silêncio e solidão – dois fatores positivos na vida da poetisa**. Revista Manchete, Rio de Janeiro, 3 out. 1953.
- OLIVEIRA, Andreiza Valéria de. **Idade média e modernidade: a recepção crítica e criativa das cantigas do mar de vigo**. 2010. 204f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010
- PAES, Jose Paulo. **Poesia para crianças – Um depoimento**, São Paulo, Giordano, 1996.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **As palavras voam**. 1 ed. – São Paulo: Moderna, 2005

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular - Entenda o Autismo**, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.